Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR
Anno ou 52 numeros..... 2$500 réis
Semestre ou 26 numeros..... 1$300 »
Trimestre ou 13 » ..... 700 »
Avulso..... 60 »

ANNO I — 14 DE AGOSTO DE 1881 — N.° 26

GERENTE-PROPRIETARIO — AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa — Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.°

ASSIGNATURA
BRAZIL
Anno ou 52 numeros..... 7$000 réis
Semestre ou 26 numeros..... 4$000 »
Trimestre ou 13 » ..... 2$000 »
Avulso..... 200 »

SUMMARIO

GRAVURAS:—Ultimos dias de Mozart; As filhas do pescador; Fontes de agua a ferver—O barrete phrygio; Uma casa de pasto em Kaschgar; Gibraltar.
TEXTO:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; O sub-perfeito no campo, por Alphonse Doudet; O domingo historico, por A. O.; Horas de ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Estamos nas Caldas da Rainha, e o leitor, apenas eu pronunciar este nome, deve sentir no rosto um fresco bafejo de suavissima brisa. Porque lá isso, digam o que disserem: Se um dia Portugal fôr feito em torresmos por um sol de rachar, será nas Caldas da Rainha que escaparão os raros sobreviventes destinados a levar ao futuro a noticia de que existio n'este mundo uma raça que se chamou portugueza.

Emilio Bergerat, o talentoso chronista do *Voltaire*, phantasiava um dia d'estes a possibilidade de desapparecer o mundo escangalhado por algum d'esses cometas que se lembraram este anno de passear nas proximidades da nossa atmosphera. Seria necessario, pensava elle, metter dentro de uma arca tudo o que devesse sobreviver do mundo actual, da sua civilisação, da sua arte. Que partituras de Meyerber ou de Lecocq, de Wagner ou de Offenbach, de Verdi ou de Hervé, metteria o novo Noé dentro da sua arca? Sal-

ULTIMOS DIAS DE MOZART

varia um piano? e a esta pergunta assustadora respondia o proprio Bergerat com esta phrase divina: *Mais ce serait infâme!*

Pois bem! caros leitores, se a arca fosse de louça

das Caldas, se, no meio do incendio universal, saisse d'estas regiões, e fosse poisar não digo no monte Ararat, que fica longe, mas na serra da Estrella que está mais perto, e onde Eduardo Coelho nos veria chegar surprehendidissimo a pedirmos-lhe um sorvete fabricado nas proximidades dos Cantaros; levariamos de certo o piano comnosco, e o futuro não ficaria privado de conhecer esses famosos pianos portuguezes ao som dos quaes uns moços pallidos, de cabelleira desgrenhada e de olhos no céu, disseram ás suas amadas, que os acompanhavam com os dedos suspensos sobre as teclas, esta quadra inverosimil:

Ouves além no retumbar da serra
O som do bronze que nos causa horror?
Foi mais um ente que voou da terra,
Foi um poeta que morreu de amor.

Nunca o sr. Cezar de Lacerda nos explicou onde era a freguezia d'esse poeta que morria de amor em Lisboa, e que tinha dobres de finado na serra. Essa importante questão topographico-amorosa ficou, e já agora ficará, por decidir.

O piano das Caldas! Deus do céu! Conhecem-n'o, não é verdade? Conhecem esse piano banal dos Casinos, dos hoteis, das barcas de banhos, que toca indistinctamente as melodias de Chopin e as valsas da *Grande Soirée*, cujas teclas se agitam indifferentes debaixo dos dedos de Rubinstein ou Saint-Saens e debaixo dos dedos de qualquer menina de Carrazeda de Anciães, que vem exhibir uma vez por anno aos seus aterrados compatriotas as prendas musicaes adquiridas com um estudo assiduo nas longas noites de inverno, entre os roncos paternaes e os bocejos admirativos do boticario visinho!? Conhecem esse piano que guincha desde pela manhã até á noite, e desde a noite até pela manhã, implacavel, rouco, cheio de pulmocira como um cavallo de aluguel? Conhecem esse piano que é para a arte o que são para o amor, para o noivado, para a lua do mel, os raminhos de flôr de laranja dos jantares de bodas em Queluz e o papel pintado do quarto dos noivos, e as cortinas engommadas de um *thalamo* de hotel?

Seria este piano que nós levariamos, e não poderiamos apresentar no futuro um specimen mais perfeito d'essa commoda musical da burguezia moderna, d'essa caixa de musica que se confunde n'uma sala com uma *étagère*, e d'onde os dedos da menina fazem sair em noites de reunião, o rouquejante *stride le vampa* do velho *Trovador*. E note-se bem. Eu não confundo na minha execração todos os pianos. Ajoelho em imaginação diante do piano de Listz, diante do piano maravilhoso onde Chopin acordou a suavidade ineffavel dos seus *Nocturnos*, Schubert o encanto das suas *Melodias*, Goltschalk as tristezas pungentes da sua *Mancenilheira*. E tambem tu, piano encantador, onde os dedos de uma criança querida acordaram primeiro as notas balbuciantes, onde mais ageis correram depois a despertar as escalas em interminaveis esfuseamentos de notas, onde uma noite acordou, com grande surpreza para nós, debaixo dos seus dedinhos mimosos, uma melodia inesperada, tu, piano, cuja alma harmoniosa como que foi desabrochando á medida que desabrochava na alma de uma filha estremecida o sentimento do bello, que te harmonisaste docemente com o progresso de um espirito, tu cujas notas foram por assim dizer o echo successivo de cada nova harmonia que ia brotando cada anno d'essa alma infantil o espelho em que se reflectiu cada novo esplendor d'esse espirito sideral que se foi formando ao calor do nosso affecto, ah! esse piano, que é o terror dos visinhos, esse é a nossa adoração e o nosso enlevo. E este piano do Club é a symbolisação mais perfeita d'esse piano dos outros, porque é o piano de todos, o que equivale a dizer que não é o piano de ninguem.

E se este piano comtudo tivesse alma e penna, podia escrever umas memorias interessantes, porque diante d'elle passa todos os annos a flôr da mocidade portugueza, e vê succederem-se diante das suas teclas as filhas ás mães, e ao som rouco das suas valsas giram hoje de cintura fina a bota apertada, aquelles que amanhã vão jogar o voltarete, golosos e tropegos, emquanto os filhos que ficavam hontem a chorar á volta das amas, valsam pela sua vez com umas pequenas, cujas mães foram o enlevo e o encanto d'este luzido circulo. E o piano, implacavel e indifferente faz polkar as filhas como fará polkar as netas, como fez polkar as mães, sinistro afinal de contas, porque é por assim dizer aqui no Club que começa essa sinistra dança da morte, que vae findar nas regiões phantasticas evocadas pelo pincel de Holbein. Não vêem aquella criança encantadora que gira, gira, nos braços de um airoso official, que valsa offegante e alegre, com os olhos brilhantes e as faces incendidas? Termina o giro da valsa, e passa dos braços de um airoso alferes para os braços de um marido, e dos braços de um marido para os braços da cadeira á Voltaire das avós, e dos braços d'essa cadeira para os braços do anjo da morte. E o piano continúa sempre, sempre, implacavel, sinistro. Ahi vem outra coroada de rosas tambem, tambem com o olhar cheio de luz e com a boca cheia de riso, e que tambem se lança nos braços de um par enthusiasmado, e volteia, e volteia até que se perde ao longo no silencio da noite para continuar a seguir esta dança de morte. E o piano não cessa. Outra valsa ainda! outra polka! Vamos, saia dos braços carinhosos de sua mãe uma outra adolescente e formosissima, chama-a a inebriante melodia, volteie como tantas outras volteiaram ao som indifferente e surdo d'esse piano banal! e venha mais outra, e outra ainda, e desprendem-se dos braços das mães, como se desprendem as flores de larangeira dos verdes ramos da arvore, e volteiem nas azas da valsa, como as flores volteiam nas azas da viração, e vão perfumar depois com o seu virginal aroma um lar alegre e luminoso, e murchem depois, e arraste-as enfim a brisa gelada para o vortice supremo em que tudo se some, as flores murchas que foram botões, as avós que foram crianças.

Mas, com os diabos, estou lugubre! Então que querem? ainda não fui ao Club, tenho-o visto de fóra, e a abstracção banal e insulsa de um piano de terra de banhos ainda não teve tempo de se concretisar para mim, debaixo dos dedos de alguns dos grandes pianistas que por cá temos, n'um instrumento maravilhoso.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS ULTIMOS DIAS DE MOZART. — Quem não conhece a triste lenda do musico immortal? Essa criança sublime que aos seis annos compunha musica notavel, que escrevia a sua primeira opera aos quatorze annos, que em trinta e dois annos de vida pôde escrever as suas trez obras primas, o *Don Juan*, as *Bodas de Figaro* e a *Flauta encantada*, Mozart enfim viveu tanto como um centenario, mas viveu mais depressa. Bebeu soffregamente na taça d'oiro da vida, todas as glorias, todos os prazeres, todas as alegrias e tambem todos os dissabores da existencia, e aos trinta annos quando os outros começam apenas a sentir os primeiros travos do suor da existencia, bebia-lhe elle já as ultimas fezes. Não o surprehendeu a morte, porque tinha a consciencia de que á precocidade inverosimil do seu talento devia corresponder a precocidade da sua morte. A sua vida fora como uma vela destinada a durar até á hora habitual do eterno somno. Accendeu-se n'essa vela muito cedo a luz do juizo. Consumio-se rapidamente e lançou os seus ultimos e brilhantes clarões quando ainda não murchavam as flores que adornam o seio das mulheres no baile doidejante da mocidade, quando para os outros estava a vida em todo o seu fulgor, em toda a sua irradiação.

Diz a lenda porém que pouco tempo antes de morrer veiu um desconhecido encommendar-lhe um *Requiem*, Mozart escreveu-o, e dias depois de o ter composto expirou. Nunca mais appareceu o desconhecido, que não era decerto mais do que um enviado celeste, que vinha advertir o grande maestro, de que estava proxima a hora em que devia desprender-se da terra, e occupar as regiões serenas, onde tudo é luz, harmonia e perfume.

É certo porém que Mozart compoz o seu *Requiem* pouco antes de morrer, e que muita vez dizia ter o presentimento de que se tocaria pela primeira vez no dia das suas exequias. Mas a lenda quiz encarnar esse presentimento n'uma figura tangivel, e fazer passar na tarde de vida do poeta essa figura mysteriosa e lugubre.

A nossa gravura é copia de um dos mais bellos quadros de Kaulback, o grande pintor bavaro. A scena é verdadeiramente admiravel. Mozart, com uma physionomia em que o extasi divino da arte, a dôr aguda dos padecimentos, o presentimento da morte que se aproxima, e o esplendor da mocidade que se despede, se confundem em meias tintas verdadeiramente magnificas, ouve as arias da sua ultima producção a *Flauta encantada* que os seus amigos lhe cantam, para elle ter o prazer supremo de passar da vida para a eternidade entre as melodias ineffaveis dos seus canticos, de forma que a sua musica seja uma corda de oiro que ligue a terra e o ceu, e faz passar suavemente a sua alma dos cantos mais celestes que elle compunha, para os hymnos dos seraphins que vai escutar agora, e que parecem ser a continuação das que lhe brotavam dos labios nas horas febris da inspiração artistica.

A disposição das figuras é excellente, e a expressão do personagem principal um verdadeiro primor.

AS FILHAS DO PESCADOR. — O quadro é bom principalmente pela execução. É uma bella cabeça a da filha mais velha do pescador, que fita os olhos com resignação no céu, emquanto a irmã contempla com terror a vaga que se approxima. Se dissermos porém ao leitor, qual é a situação que o artista quiz representar, concordam em que se podem fazer alguns reparos á composição d'este quadro. Effectivamente acham-se aquellas duas pequenas em perigo imminente de vida. Surprehendeu-as a maré, refugiaram-se n'um cómoro d'areia um pouco mais elevado, mas as aguas não tardarão a invadir esse ultimo refugio, e a morte é fatal e inevitavel. Será pois verdadeira a expressão d'essas duas figuras? Em presença da morte conservará a mais velha esse cesto na mão, e levantará tão correctamente os olhos ao ceu? limitar-se-ha a mais pequena a contemplar as ondas encapelladas com horror, como quem vê um espectaculo medonho, mas com tranquilidade como quem nada tem que receiar dos perigos que elle offereçe? O pintor naturalmente quiz fugir da banalidade, dos cabellos desgrenhados, das mãos erguidas, dos corpos ajoelhados

mas a dôr e a angustia teem, e hão-de ter eternamente, a mesma expressão, e quem foge n'este caso do banal, corre um certo perigo de cair no falso.

Fonte de agoas a ferver de Yellowstone — O barrete phrygio. — É esta uma das mais notaveis curiosidades naturaes da America do Norte. Junto das Montanhas Pedregosas, no sitio chamado Yellowstone ou Pedra Amarella, brotam da terra fontes de agua a ferver como os *geysers* da Islandia, que chegam a formar uns ribeiros formidaveis. Conteem algumas d'ellas silica, outras differentes compostos calcareos. Estas substancias, depositando-se formam como as infiltrações de uma caverna, stalagmites curiosissimas. Póde alguem imaginar que esse rochedo que a nossa gravura representa, que tem um pouco a forma de barrete phrygio, e a que dão por isso esse nome, não seja mais do que uma enorme stalagmite de 40 pés de altura? Pois não é outra coisa, e como os compostos que o formam são exclusivamente calcareos, a pedra toma uma côr branca verdadeiramente resplandecente.

A maior partes d'estas fontes nascem no plan'alto de uma montanha, que está toda coberta de pequenos depositos calcareos e silicosos, e que por conseguinte apresenta um aspecto formosissimo, porque á luz do sol parece uma immensa toalha bordada de brancos relevos.

As differentes fontes e regatos que d'ellas partem, formam alli um pequeno numero de bacias de alabastro, de quatro a oito pés de extensão e de dois a quatro pés de profundidade. A agua tem differentes graus de calor, é tanto mais quente quanto mais proxima está da origem. Pódem tomar-se por conseguinte banhos em qualquer temperatura, e isto fará de certo com que Yellowstne venha dentro em pouco tempo a ser uma das mais concorridas estações balneares da America.

Uma casa de pasto em Kaschgar. — Kaschgar é uma cidade da Pequena Boukharia, no Turkestan Chinez, capital de um Khanato do mesmo nome, que foi por muito tempo tributario do imperio da China, mas que é hoje na realidade independente. A cidade tem uns 25:000 habitantes, e fica situada á beira de um rio chamado igualmente Kaschgar. Faz um commercio importante de cavallos e de fazendas de seda e de brocados. O segundo viajante europeu que visitou o Khanato de Kaschgar, foi o jesuita portuguez Goes.

Oiçamos o que diz a esse respeito um escriptor francez notavel, o sr. Emilio Jouveaux:

«Na extremidade oriental do Turkestan acha-se um paiz, ácerca do qual a Europa possuia até aqui bem poucas informações exactas. Desde Marco Polo e o *jesuita Goes* um só viajante ousára aventurar-se n'essas regiões inhospitas; fôra o desgraçado Adolpho Schlagintereit, que pagou com a vida a sua audaciosa empreza.»

Adolpho Schlagintereit foi decapitado em Kaschgar por ordem de um musulmano fanatico, no anno de 1852. O jesuita portuguez Goes visitára aquella região no seculo XVI; tres seculos esteve portanto este paiz completamente cerrado á curiosidade europêa.

Se algum dos nossos patricios quizer seguir as pisadas do padre Goes, desde já lhe affiançamos que póde morrer pela espada mas não pela fome. Encontra alli casas de pasto em grande abundancia, e n'essas casas de pasto não falta nunca o famoso *pilau*, que é um manjar que tem por base a carne e a gordura de carneiro combinadas com arroz, e ornamentadas com cenouras e nabos, a que se juntam de vez em quando talhadas de maçãs e de marmellos. Coze-se tudo isto n'um enorme caldeirão, e ainda se lhe deita canella, nóz muscada e outras especiarias. Dizem que é bom. Será. Não tencionamos ir vêr, tanto mais que aquelle costume de decapitar a gente não deixa de ser um obstaculo sério para se saborear um prato de *pilau*. Não ha arroz admissivel com uma cimitarra de Damocles por cima da cabeça.

Gibraltar. — Esta importante praça de guerra, que está situada em terras de Hespanha mas que faz parte dos dominios britannicos, levanta-se no promontorio mais meridional da peninsula iberica, promontorio que domina o Mediterraneo na entrada oriental do estreito de Gibraltar. A bahia é magnifica, e o rochedo em que está fundada a cidade tem cavernas profundas, que são outros tantos arsenaes á prova de bomba. É a primeira praça do mundo e talvez a unica que possa dizer-se inconquistavel. Não tem nem um só edificio digno de menção; no *Commercial square* estão a Bolsa e os melhores hoteis da cidade. Os inglezes fizeram de Gibraltar a séde de um bispado anglicano.

Foi em Gibraltar que desembarcaram os arabes que invadiram a Hespanha; só tarde caiu de novo em poder dos christãos. Os inglezes cubiçavam, havia muito, essa praça, que era para elles a chave do Mediterraneo. Aproveitaram a guerra da successão e o descuido dos hespanhoes, que tinham alli apenas uma guarnição de 100 homens, e o almirante Rooke tomou-a. Nunca mais saiu das mãos dos inglezes que accumularam alli todos os recursos da arte militar, e fizeram a praça verdadeiramente inconquistavel. Gibraltar até agora era a unica porta do Mediterraneo; desde que se abriu o canal de Suez, ficou o Mediterraneo com duas portas, e como a Inglaterra é erudita, conhece Calderon, e sabe que *Casa con dos puertas mala es de guardar*, entendeu que seria impossivel guardar o Mediterraneo se não tivesse duas chaves. Uma estava pendurada á cinta de lord Napier de Magdala, governador de Gibraltar, a outra caiu das mãos rotas do sultão Abdul-Aziz nas mãos ávidas da Inglaterra; chama-se Chypre essa segunda chave.

O SUB-PREFEITO NO CAMPO

(BALLADA EM PROSA)

Anda em digressão politica o sr. sub-prefeito. Cocheiro adiante, lacaio atraz, leva-o magestosamente o caleche da sub-prefeitura ao concurso regional do Combe-aux-fées. Para esse dia memoravel, o sr. sub-prefeito enfiou a sua bella farda bordada, poz o seu chapeu armado, os seus calções justos listrados de prata e o seu espadim de gala com os seus copos de madre-pérola. Poz-se no seu collo uma grande pasta de *chagrin* que e. contempla com tristeza.

Contempla com tristeza a sua pasta de *chagrin*; pensa no famoso discurso que logo terá de pronunciar diante dos habitantes do Combe-aux-fées.... «Meus senhores e caros patricios, mas por mais que puxe e repuxe a seda loira das suas suissas e que repita vinte vezes «Meus senhores e caros patricios, a continuação do discurso não vem, nem por quanto ha.

A continuação do discurso não vem. Está tanto calor n'este caleche! A estrada do Combe-aux-fées perde-se ao longe branqueada pelo sol do Meio-Dia. O ar está abrazado, e nos ulmeiros da beira da estrada, todos cobertos de poeira branca, milhares de cigarras tagarellam de uma arvore para a outra. De subito o sr. sub-prefeito estremece. Lá ao longe, junto de uma encosta, acaba de descortinar um pequeno bosque de carvalheiras verdes que parece fazer-lhe signal.

O pequeno bosque de carvalheiras verdes parece fazer-lhe signal: «Venha para aqui, sr. sub-prefeito, para compôr o seu discurso, está muito melhor debaixo das minhas arvores...» O sr. sub-prefeito seduz-se, salta abaixo do seu caleche, e diz aos seus criados que o esperem, que vae compôr o seu discurso no pequeno bosque de carvalheiras verdes.

No pequeno bosque de carvalheiras verdes ha passaros, violetas e fontes por baixo da relva macia. Assim que viram o sr. sub-prefeito com os seus bellos calções e a sua bella pasta de *chagrin*, os passaros tiveram medo e deixaram de cantar; as fontes não se atreveram a continuar a fazer bulha e as violetas esconderam-se na relva... Esse mundosinho todo nunca vira um sub-prefeito, e pergunta a si proprio em voz baixa quem será este bello sujeito, que veste calções de prata.

Em voz baixa entre a folhagem, tudo pergunta quem será este bello sujeito de calção de prata.... Entretanto o sr. sub-prefeito, deliciado com o silencio e com a frescura do bosque, levanta as abas da sua casaca, põe o chapeu em cima da relva, e senta-se no musgo ao pé de um carvalho novo; depois abre no collo a sua grande pasta de *chagrin*, e tira de dentro uma larga folha de papel de secretaria. «É um artista, disse a tutinegra.» «Não, disse o pintasilgo, não é um artista, visto ter calções de prata; não é senão um principe».

«Não é senão um principe, disse o pintasilgo. «Nem um artista, nem um principe, interrompe um velho rouxinol que cantou uma estação toda nos jardins do sub-prefeito... Sei eu perfeitamente o que é, é um sub-prefeito». E o bosquesinho todo murmura «E' um sub-prefeito!» um sub-prefeito! «Como elle é calvo,» observa uma cotovia de grande poupa. As violetas perguntam: «E elle é mau?»

«E elle é mau?» perguntam as violetas. E o velho rouxinol responde «Qual historia!» E, em virtude d'estas affirmativas, os passaros voltam a cantar, as fontes a correr, as violetas a embalsamar, como se ninguem alli estivesse. Impassivel no meio de toda esta algazarra, o sr. sub-prefeito invoca do fundo do coração a musa dos comicios agricolas, e, de lapis erguido, começa a declamar com a sua voz de ceremonia: «Meus senhores e caros patricios.»

«Meus senhores e caros patricios, disse o sub-prefeito com a sua voz de ceremonia.» Uma gargalhada o interrompe de continuar; volta-se e vê apenas um grande pica-pau, que olha para elle rindo, empoleirado no seu chapeu. O sub-prefeito encolhe os hombros, e quer continuar o seu discurso; mas o pica-pau interrompe-o de novo, e grita-lhe de longe: Para que serve isso?—Como assim? para que serve isto?—diz o sub-prefeito fazendo-se muito vermelho, e enxotando com o gesto esse animal descarado, volta a dizer: «Meus senhores e caros patricios.»

«Meus senhores e caros patricios, torna o sub-prefeito, mas n'isto erguem-se para elle as pequenas violetas na ponta das suas hastes a dizerem-lhe docemente: «O sr. sub-prefeito não percebe que cheiramos tão bem.» E as fontes fazem-lhe por baixo do musgo uma musica divina, e nos ramos, por cima da sua cabeça, bandos de tutinegras lhe vêm cantar as mais tristes arias, e todo o bosquesinho conspira para o impedir de compôr o seu discurso.

O bosque todo conspira para o impedir de compôr o seu discurso... O sr. sub-prefeito, ebrio de perfumes e de musica, tenta de novo resistir ao encanto novo que o invade. Recosta-se na relva, desacolche-

ta a sua bella farda, balbucia ainda duas ou tres vezes: «Meus senhores e caros patricios... meus senhores e caros patri... meus senhores e caros...» Depois manda os patricios para o diabo, e a musa dos comicios agricolas já não tem outro recurso senão o de velar a face.

Vela pois a face, ó musa dos comicios agricolas! Quando, d'ahi a meia hora, os criados da sub-prefeitura, inquietos por não saberem de seu amo, entraram no pequeno bosque, viram um espectaculo que os fez recuar de horror. O sr. sub-prefeito estava deitado de barriga para baixo, na relva, com o fato em desordem, como um bohemio. Despira a sua farda, e, trincando violetas, o sr. sub-prefeito fazia versos.

ALPHONSE DAUDET.

AS FILHAS DO PESCADOR

O DOMINGO HISTORICO

14 de agosto de 1385 — Batalha de Aljubarrota

O conde D. Henrique lançou as primeiras bases da nossa nacionalidade no seculo XII, ajudado pelos barões portuguezes que, seguindo compactos e unidos a idea do ousado principe borgonhez, em pouco tempo se habituaram a considerar como estrangeiros os das provincias limitrophes e que, sempre que a occasião se lhes offerecia, tratavam de conquistar e de robustecer a independencia da terra em que haviam nascido,

Quebrada a successão immediata do genro de D. Affonso VI, pretenderam os castelhanos recuperar a orla de terreno que se estende á beira mar aquem do Minho ; mas o povo acercando-se então do mestre de

Aviz sellou novamente a sua carta de alforria e affirmou a sua vontade soberana repellindo os invasores e entregando a coroa ao homem em que descobriu com as suas vistas prophetícas, os dotes necessarios para bem o dirigir na guerra e para bem o governar na paz.

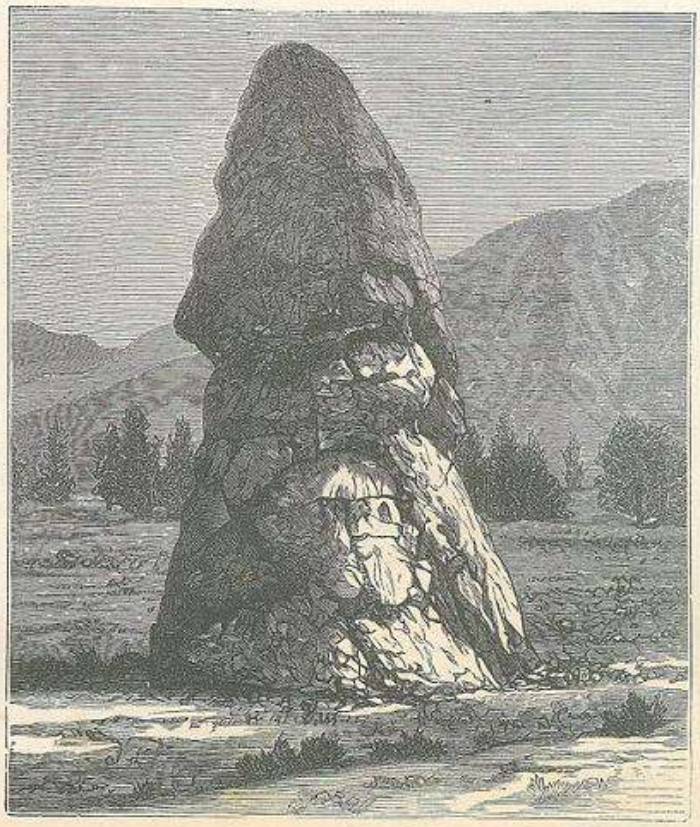
N'essa grande luta travada entre Portugal e Castella, depois da morte do nosso rei D. Fernando I, um dos feitos mais gloriosos e que por si só constitue uma das paginas mais brilhantes da historia portuguesa, é, sem duvida, a batalha que se feriu nos campos de Aljubarrota, no dia 14 de agosto de 1385.

Tendo o rei de Castella atravessado a nossa fronteira e seguindo pela margem direita do Tejo para atacar Lisboa, o mestre d'Aviz que estava no Minho, e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira que estava no Alemtejo, dirigiram-se a Abrantes e ahi resolveram, depois de proposta a questão em conselho, marchar sobre Thomar ao encontro do inimigo. De Thomar passaram os nossos a Ourem, Porto de Moz e Aljubarrota, e ahi acamparam frente a frente os dois exercitos no dia 13 de d'agosto.

As forças dos dois adversarios eram mui'o desproporcionadas, e ao passo que os portuguezes contavam apenas 1700 lanças, 800 besteiros e 4000 peões, os castelhanos tinham 6000 lanças, 2000 ginetes, 8000 besteiros e 15000 peões, alem de 16 peças de artilheria então chamadas bombardas ou trons, e que eram os primeiros que se viam em Portugal.

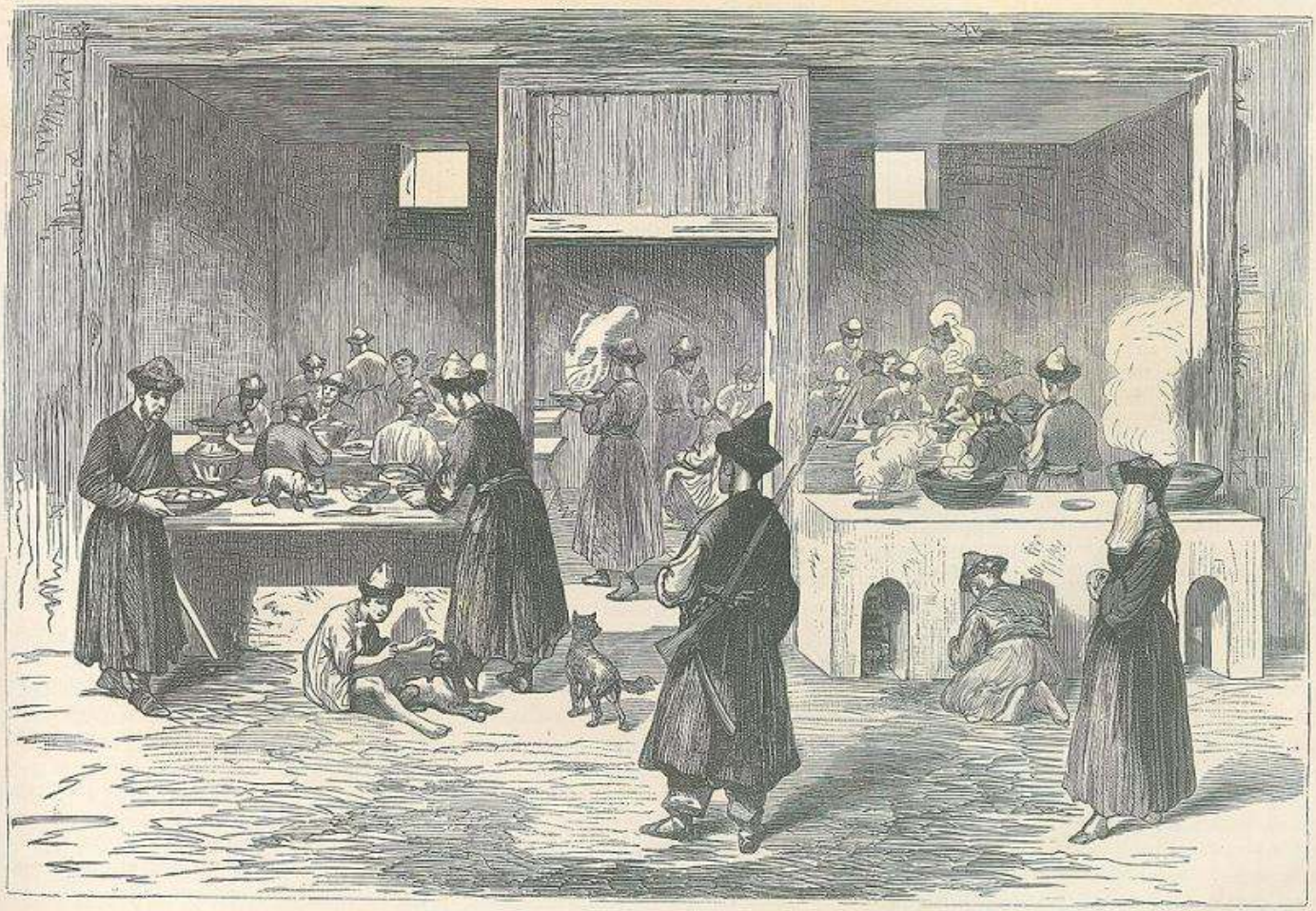
Para compensar esta grande differença, porem, os portuguezes estavam cheios de enthusiasmo pela presença do rei que haviam eleito, e, pelo contrario, na hoste castelhana o chefe estava doente; entre os nossos havia o heroismo de homens que querem vencer ou morrer, e os adversarios fiados na superioridade do numero, pensavam unicamente nos despojos que tinham como certos.

Já no meio do dia 14, travou-se a batalha, e a vanguarda castelhana desdobrando-se n'uma linha immensa de 300 homens, de frente marchou com a idéa de envolver e esmagar o exercito do Mestre d'Aviz, mas os obstaculos do terreno obrigaram os flancos a dobrar á rectaguarda, de modo que, quando chegaram a encontrar as nossas forças, a sua frente estava reduzida á um terço. A linha, porém, transformára-se assim sem o



FONTES DE AGUA A FERVER DE YELLOWSTONE

O BARRETE PHRYGIO



UMA CASA DE PASTO EM KASCHGAR

querer em columna e o embate d'esta massa contra os nossos foi irresistivel. A vanguarda ficou rôta, as alas que convergiram sobre o centro tambem não poderam conter o impeto dos contrarios, mas os portuguezes voltando incessantemente á carga poderam manter-se, até que a reserva dirigida pelo proprio rei em pessoa entrou no combate.

A batalha parecia inevitavelmente perdida, mas os successos dos esforços dos portuguezes, a profundidade da columna dos contrarios, a impossibilidade em que as alas d'estes se achavam de entrar na acção por causa do terreno, e, mais do que tudo, a falta de unidade e direcção no exercito castelhano fizeram com que a vanguarda d'este, não podendo resistir ao ataque energico dos portuguezes, retrogadasse precipitadamente.

Essa retirada n'um instante transformou-se em completa desordem, porque a frente envolveu-se com a rectaguarda e com as bagagens, e as alas vendo a columna principal debandada, debandaram tambem quasi sem ter combatido.

O rei de Castella fugiu á redea solta para Santarem, onde atravessou o Tejo, e só parou em Sevilha; a flor da nobresa castelhana ficou estendida no campo, e os despojos colhidos pelos nossos foram immensos, contando-se entre elles a bandeira real de Castella, e os trons, ou peças de artilheria, que de nada haviam servido.

O luto foi immenso em Castella, ao passo que em Portugal o regosijo publico foi extraordinario. A camara de Lisboa para manifestar o seu reconhecimento ao Altissimo, promulgou uma curiosa postura contra as superstições populares; na capital e em outras partes do reino celebraram-se grandes festas e procissões, e o mestre d'Aviz erigiu, no proprio sitio em que se deu a acção, o magnifico convento da Batalha, que é um dos mais soberbos monumentos do nosso paiz, como tambem o nome de Aljubarrota é um dos que com mais orgulho póde pronunciar quem nasceu em Portugal,

A. O.

HORAS DE OCIO

Phantasia algebrico-historica

Pede-se o nome de um portuguez celebre, o facto que mais o illustrou, e o anno em que se tornou notavel em todo o mundo civilisado.

O numero que representa esse anno é composto de quatro algarismos. A somma dos tres ultimos é 15; o dobro de um d'estes é a somma dos outros dois; o producto d'estes dois é 9; a quarta potencia do producto dos quatro algarismos é igual á somma das potencias terceira, quarta, e quinta do primeiro algarismo, e mais 4:100.622. A differença entre o numero procurado e o mesmo numero escripto em ordem diversa é 7632.

SOUSA.

*

Palavras syllabico-quadradas

Guarda o seu cubiça o de outrem
a que é forte e vigorosa
na cama da tia Rosa

GANDAREZ.

*

Pergunta indiscreta.—Qual é rio portuguez que dava leite no tempo dos Romanos?

UM OFFICIAL INFERIOR DE CAÇADORES 8.

Embrulhada cryptographica.—Encontrar um proverbio conhecido juntando as letras espalhadas n'esse *T*.

O	I	A	F	T
A		L		P
		L		
		A		
		I		
T	L	H		

*

.a. .a .ao. .ue .e...e .u.e .c. .e. .ue. .ao a.a.e

Juntando as consoantes formar um proverbio.

*

Barcellos — Covilhã — Braga — Faro — Benavente — Goes — Idanha — Estremoz — Alpendurada — Odemira — Lagos — Vinhaes — Alcobaça — Abrantes.

Tirando uma letra a cada terra formar o nome de um poeta.

*

SOARES . . . . . Villa
SOARES . . . . . Villa
SOARES . . . . . Villa
SOARES . . . . . Nome proprio
SOARES . . . . . Nome proprio
SOARES . . . . . Appellido

Substituindo os pontos por letras achar as 3 villas, os 2 nomes proprios e o appellido.

*

Estarreja — Lisboa — Barcellos — Arouca — Santarem — Abrantes — Gouvêa — Pinhel — Anadia — Amarante — Guarda — Obidos.

Com uma consoante de cada villa e uma vogal de cada cidade formar o nome de uma villa.

Soluções dos problemas do n.º 24

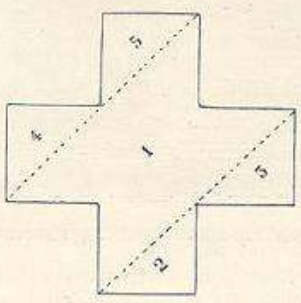
Enigma anagrammatico.—Elvas.

*

Embrulhada historico-geographica.—Salvador Ribeiro de Sousa.

*

Problema geometrico:



Phantasia arithmetica. Os numeros pedidos são 182, 263, 344, 425, 506.

Effectivamente constituem uma progressão arithmetica, cuja rasão é 81, porque 182+1=263, 263+81=344, etc.

A somma dos tres algarismos de cada numero é igual a 11. Effectivamente 1+8+2=11, 2+6+3=11 etc.

Multiplicando 11 por 9 e juntando-o aos numeros, achamos esses mesmos numeros invertidos 182 99=281; 263+99=362; 344+99=443; 425+99=524; 506+99=605.

Forma-se assim uma segunda progressão cuja razão é igualmente 81, porque 281+81=362; 362+81=443 etc.

Soluções certas

Enigma anagrammatico.—A Portuckalensis, Manuel Antonio Coelho Zilhão, Alexandre de Oliveira (Lisboa), Gandare, Cantanhede, Joaquim Ricardo dos Reis Pereira Cadaval, Sousa (Espinho de Mortagua), S. (Faro) Francisco Augusto Nunes Ponsão (Odmira), sociedade de esquina.

Problema geometrico.—A. Portuckalensis, Alexandre de Oliveira, Zero, Gandarez, Joaquim Ricardo dos Reis Pereira, M. P. O. (Porto), Antonio Augusto Lebranso (W. Thomer), sociedade de esquina.

Fantasia arithmetica.—Sousa (Espinho de Mortagua), Edipo (Lisboa).

Embrulhada historico-geographica.—Francisco Augusto Nunes Ponsão, Vasco (Coimbra).

Os srs. Francisco Evangelista Goulão (Castello Branco), official inferior de caçadores 4 (Tavira), S. (Faro), e sociedade da esquina mandaram soluções dos problemas do n.º 23, mas já depois do prazo marcado por nós, que nos parecia comtudo bastante largo para que podessem vir-nos soluções de todos os pontos do reino.

Pedimos desculpa aos nossos assignantes de algumas faltas que deve haver na relação dos que enviaram soluções certas, motivadas pela sahida de Lisboa do nosso director litterario a quem não houve tempo de enviar a correspondencia.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 199)

XIII

Essa noute não foi muito socegada. Ainda havia mais de tres quartas partes do carneiro, morto na ante-vespera pelo sr. Lafleur.

O cheiro de carne crua attrahiu os lobos. Vieram rondar o acampamento, apezar dos latidos furiosos de Wab. Foi necessario que o sr. Lafleur — sempre amavel e serviçal — fosse acompanhado do cão do Himalaya buscar alguns ramos e troncos para alimentar o fogo. Por este meio conseguiu intimidar os lobos, cujos olhos se viam luzir ao longe. Em quanto Wab mantinha alguns em distancia, outros, mais atrevidos, apoderaram-se dos restos do carneiro, que lhes não chegou para a cova de um dente.

Em breve o numero d'estes animaes augmentou de um modo assustador. A um signal de Yegor deu-se uma descarga geral em todas as direcções. Yegor e Lafleur fizeram fogo com as espingardas, e o pequeno polaco com os dois revolwers de Yernac. Só estava inactivo o chefe da policia, desarmado, e além d'isso impossibilitado pela ferida.

Os lobos principiaram a uivar terrivelmente, e comprehendia se que aquelles em quem tinham acer-

tado as balas, rolavam e estorciam-se no chão com as convulsões da agonia. Os outros affastaram-se um pouco, mas voltaram á carga e foi necessario repellil-os novamente com segunda descarga.

Finalmente, conseguiu-se afugental-os outra vez. Mas ao romper do dia — que é muito tarde n'aquella estação — apresentaram-se os lobos ainda em maior numero, promptos a recomeçar o ataque. Arremessaram-se, disputando entre si os cadaveres dos que jaziam sobre a neve, fazendo-lhes funeraes gastronomicos. Era escasso alimento para tantos animaes esfaimados.

Yegor e os companheiros carregavam as armas, julgando que os lobos, ávidos de carne fresca, se lançariam sobre elles. Ladislau entregou os rewolvers a Nadege, e carregou a espingarda do chefe de policia. Este, com a mão livre, empunhou um grande cacete. E cada um esperava com a maxima coragem a occasião, em que lhe fosse necessario defender a vida.

De repente, por cima do rochedo, em que se abrigava a tenda de Nadege, appareceu um urso pardo de grandeza descommunal. Desceu vagarosamente, e foi direito aos lobos.

Estes, surprehendidos no banquete, afrontaram intrepidamente o inimigo. Então o urso, recuando alguns passos, encostou-se ao rochedo, sentou-se nas patas trazeiras, e escancarando uma guela medonha cruzou no peito as patas dianteiras. Ao verem esta attitude defensiva, os lobos dispozeram-se em semicirculo em torno do adversario, conservando-se prudentemente á distancia de alguns metros.

Yegor e os companheiros ficaram assombrados. Depois de concertarem rapidamente o que lhes cumpria fazer, decidiram deixar brigar os animaes e só intervir em ultimo caso: além de tudo era necessario poupar a polvora.

O urso e os lobos continuavam a observar-se, mas as cousas iam tomar um outro aspecto; os lobos pareciam desafiar o urso para um combate. Provocavam-n'o com uivos atroadores, em que certamente ia envolvida uma censura de cobardia; o urso sem sahir da sua tranquillidade deixava esgotar o ardor dos adversarios.

Finalmente alguns dos mais atrevidos ou esfaimados arremessaram-se contra aquella massa pelluda, immovel como uma rocha. Lançaram-se ao urso attacando-o por todos os lados.

Então a enorme fera começou a levantar as patas dianteiras, e servindo-se d'ellas como de uma clava, distribuia pancadas para a direita e para a esquerda. Cada vez que uma d'aquellas pezadissimas patas descarregava o golpe, cahia um lobo com o craneo partido.

— Se nós ajudassemos o auxiliar que nos chegou? disse Yegor ao sr. Lafleur.

O parisiense deu o seu assentimento agitando a cabeça.

Os dois amigos a quem faltava uma certa doze de intrepidez, collocaram-se aos lados do urso. Alguns tiros disparados sobre os lobos, abriram caminho ás suas relações. O urso mostrou-se, por um momento, amedrontado pelas detonações, mas habituou-se depressa, e pareceu comprehender que era um soccorro, que lhe prestavam.

Os lobos exasperados, longe de recuarem, como se poderia suppôr, arremetteram em massa contra o urso; todos os que avançavam lealmente, de cabeça levantada, eram feridos pelas patas ou pelos dentes da fera. Yegor e os companheiros attacavam de preferencia os lobos, que se approximavam á traição, abaixando-se para accommetterem o adversario no ventre, região mal defendida. A refrega tornou-se medonha.

O urso lançava para longe os inimigos á medida que d'elle se avisinhavam. E estes, mortalmente feridos, revolviam-se uivando e gemendo; os menos maltratados safavam-se sem desejo de voltar. Alguns tiros acompanhavam a retirada dos vencidos.

Houve uns poucos de ataques intrepidamente sustentados pelo urso e por seus dois alliados. Os lobos, vendo quantos dos seus jaziam mortos ou feridos no campo de batalha, puzeram-se definitivamente em debandada.

Ficou só o urso — impassivel sempre — espantado, e por nenhuma fórma soberbo da victoria.

— Devemos atacal-o agora? perguntou resolutamente Yegor.

— Espere, meu amigo, respondeu o parisiense. Elle prestou-nos um grande serviço. Os ursos pardos não são ferozes. Vou agradecer-lhe o seu concurso... com uma lição de dança; chama-se a isto na minha terra, pagar com a usura de um capitalista. Oxalá que lhe não dê na cabeça devorar-me!

Em quanto fallava, o sr. Lafleur tirou da algibeira a sua rebeca. O urso, seguia-lhe todos os movimentos sem perder nenhum. Não gastando tempo sequer em dar o *lá*, o mestre de dança, marcando o passo cheio de gravidade, tocou e dançou com elegancia e nobreza um minuete dos antigos tempos.

O animal bocejou como se reputasse o minuete uma velharia choreographica, mas os sons agudos do instrumento espantavam-n'o, encantavam-n'o talvez. Sacudiu a cabeça com ar approvador. Sabe-se que o ouvido do urso, insensivel ao ribombo do trovão e ao aluimento das avalanches, tem o dom de perceber e apreciar os sons mais fracos, mais suaves. O urso pardo pareceu familiar-se com o dançador e a musica. Além d'isso, pertencia a uma especie, que nada tem de feroz, nutrindo-se principalmente de peixes e vegetaes. No principio de cada inverno os ostiaks levam grande quantidade de ursos a Berezoff, onde são abatidos e a carne é vendida nos açougues.

Seduzido, captivado pela melodia, principiou tambem a bamboleár-se,—a fazer de basbaque—a marcar o compasso com os acenos e movimentos de um amador, de um *dilletanti*.

Executando sempre o seu minuete, o sr. Lafleur affastava-se um pouco do acampamento; o urso melmaniaco seguia-o como magnetisado, arrastado pelo arco. Yegor tinha um trabalho enorme para evitar que Wab fosse cheirar um pouco mais de perto aquelle companheiro, que repentinamente se tornava tão sociavel.

O sr. Lafleur, julgando finalmente ter desviado todo o perigo, e receiando talvez profanar a grande arte que professava, retrocedeu raspando com muita força no seu idolatrado talisman. O urso, evidentemente enojado d'esta falta de harmonia de todo o ponto inesperada, retirou-se com o seu andar pezado de fera mystificada.

Algumas horas mais tarde baixavam sobre os cadaveres ensanguentados dos lobos nuvens de corvos, e os fugitivos mais o seu prisioneiro tiveram de ir acampar em sitio, d'onde se podessem ver ao longe as nortas, trazidas por Tekel.

A yakute não os acompanhou, e seguiu o seu caminho, levando as tres rapozas azues, que amamentava.

No dia seguinte, quando principiava a noute — fóra mais proprio dizer que tinha sido noute todo o dia — um ruido secco e o bater de pés no gelo endurecido annunciaram a grande distancia a chegada de Tekel e dos trenós esperados com tanta impaciencia.

Pouco depois avistaram-se os dois vehiculos. As rennas corriam com passo rapido. A alegria de Yegor foi immensa; Nadege, profundamente commovido, tinha os olhos arrasados de lagrimas; Ladislau batia palmas.

— Bons trens! repetia o sr. Lafleur.

Mas de repente a fronte de Yernac tornou-se carregada e sombria. O chefe de policia desviou-se para occultar o seu descontentamento.

Era, com effeito, excepcional a situação do funccionario moscovita! O antigo juiz, incapaz de transigir, com a sua consciencia, tinha por norma unica de seu procedimento o direito positivo, a lei escripta, sem attender a nenhum exame, nenhum temperamento. Desconfiando de suas luzes, da sua auctoridade, era surdo á voz interior, que aponta ao homem o que é justo ou injusto, e limitava a sua actividade intellectual á stricta applicação da lei. Ao vel-o assim, dir-se-hia que os homens foram feitos para obedecer ás leis, e não que as leis foram escriptas para interesse da humanidade. Elle mostrava-se sempre prompto a sacrificár-se ao dever, como já o tinha provado. E todavia era quasi obrigado a prestar auxilio a verdadeiros criminosos, que afrontavam a lei e o desafiavam a elle. Agora tinha forçosamente de seguil-os. Até onde? e por quanto tempo? Só elles poderiam dizer. Yernak não se julgava com força de resistir a similhante humilhação. Melhor lhe fóra, pensava elle, ter succumbido aos seus ataques repetidos, que tornar-se objecto de escarneo e piedade. Mas, que fazia elle se, de repente apparecesse uma patrulha de cossacos? Denunciaria, como lhe dictava o seu dever, Yegor e Nadege por se terem evadido, e ao sr. Lafleur pela criminosa tentativa, a que se tinha associado? Era certo comtudo que devia a vida áquelles desgraçados! Que horrivel perplexidade! E como era dolorosa ao chefe de policia a lucta, em que se debatia a sua consciencia!

Pekel, á medida que avançava, tinha um momento de hesitação. Já não reconhecia o paiz... A floresta devastada pelo incendio dava á paisagem um aspecto differentissimo. O yakute, ao chegar ao acampamento, ficou muito surprehendido de reconhecer que era estabelecido por Yegor e pelas outras pessoas, a cujo serviço se achava.

Saltou muito depressa da norta, que o transportava, e fez notar as duas bellas equipagens, O seu camarada yakute foi apresentado depois das rennas. Era um homem novo de typo tartaro muito pronunciado, que dava pelo nome um tanto aspero de Chort.

O costume dos dois yakutes era uma mistura do vestuario dos camponezes russos e dos indigenas das regiões de pelles. Traziam uma longa pellica de panno pardo á maneira moscovita, calções de pelle de renna, e «torbassas» ou botas tambem de pelle de renna muito grossa. Este calçado é feito para que o pé ande á vontade; a extremidade da sola é revirada como o ferro de um patim. Vão até os joelhos, e tem uma grande borda de panno preto. Todas as costuras do fato de Pekel e de Chort eram cobertas com uma tira d'esse panno. Passemos aos trenós.

As nortas são trenós siberianos estreitos e compridos, muito leves, em que podem sentar-se duas pessoas, além do cocheiro. Este tem um pessimo logar. Colloca-se de lado, em constante risco de cahir ao mais pequeno accidente. Na caixa de cada norta ha espaço para os viveres de uma viagem atravez dos espaços desertos, e bem assim para alguns utensilios indispensaveis.

Tekel tivera a boa ideia de encher as caixas das

suas duas nortas de farinha de trigo — apesar do excessivo preço — de cevada, peixe secco ou fumado, etc.; abundantes provisões de licheus mostravam que elle se não tinha esquecido das rennas. Apercebera-se tambem de machados, facas, laços para caça e redes de pescar. Cada um dos vehiculos era coberto por um tecido de feltro, que podia ser transformado em tenda, se houvesse necessidade.

Cada norta era puxada por tres rennas robustas, á maneira dos indigenas. Por via de regra os russos empregam n'este serviço grande numero de cães.

Julgam que é mais facil sustental-os dando-lhes carne de animaes mortos durante a viagem, em ultimo caso peixe, do que renovar, sem se affastarem do caminho, as relvas de que se nutrem as rennas.

O gado, trazido pelo yakute, deixava muito a desejar. De seis rennas trez eram brancas. Duas tinham pontas magnificas medindo quatro ou cinco pés. Ás outras faltava a ponta direita ou a esquerda. Uma, que já tinha servido para andar a cavallo, tinha os páos serrados a seis pollegadas do craneo. Além d'isso era a estação em que as rennas perdem a pelle, que lhes guarnece as pontas, e pendiam-lhes dos esgalhos grandes pedaços ensanguentados. Cumpre lembrar que a cabeça da renna parece-se muito com a da vacca ainda nova; mas o corpo é mais delgado, as pernas mais finas. O pé grande e largo facilita-lhes correr sobre a néve. Sem as rennas não poderiam subsistir as povoações de extremo Norte. Estes animaes são para ellas o que para nós são o cavallo e o boi, o que são as cabras e os camellos para o arabe do deserto. A renna serve ao mesmo tempo de besta de carga, e de alimento; dá leite e roupa aos que a possuem e sustentam.

Yegor contou a Tokel os episodios acontecidos depois da sua partida, e soube com grande satisfação que o yakute fizera, por sua determinação propria, abundantes provisões: vinham substituir as que foram abandonadas ás labaredas do incendio.

N'aquella noite, a refeição foi excepcionalmente confortavel, mercê das excellentes iguarias chegadas de Zachiversk: manteiga yakute — sem sal — endurecida pelo frio e cortada em pedaços, «struganinas» ou peixe crú gelado e cortado em postas muito delgadas, miolos de renna tambem gelados, pão negro, o que era tudo reputado delicioso e exquisito. Os yakutes trouxeram tambem algumas ceholas colhidas nos arredores.

Depois da comida, os yakutes preparavam-se para dormir. Desapparelhadas e soltas as rennas, Nadege e Ladislau foram collocados n'uma das nortas, bem coberta de feltro. Ao chefe de policia, na sua qualidade de ferido, foi destinada a outra norta. Embrulharam-n'o com todo o cuidado, e lá ficou muito commodamente. Yegor e o parisiense enrolaram-se nos seus abafos. Os yakutes não tomaram quasi precauções algumas contra o frio, justificando o epitheto de «homens de ferro», por que é conhecida a sua raça na Siberia.

No dia seguinte, muito cedo, deviam os fugitivos continuar a viagem.

XIV

Com a claridade produzida pela refracção athmospherica, os viajantes tomaram o caminho do Oriente guiando-se por uma pequena busola, que figurava entre os berloques do relogio de Yegor; a busola, que elle trouxera, perdeu-a no incendio da floresta, e bem assim a carta das regiões tão pouco conhecidas, que havia mister atravessar. A carta porém tinha-se photographado, porque assim digamos, no cerebro do deportado, durante as horas compridas, em que elle a examinava, meditando na evasão.

Um frio intenso, de 20 graus, necessitou logo de adopção de todos os recursos actualmente disponiveis para arrostar com o rigor da estação.

As nortas corriam com a velocidade media de doze kilometros por hora. Na primeira, guiada por Tekal, iam Yegor, Nadege e Ladislau. O chefe de policia e o sr. Lafleur tomaram logar na segunda.

(Continua.)

GIBRALTAR

CORRESPONDENCIA

7 *(Lisboa)*.—Uma das palavras quadradas que nos mandou, já figurou no *Jornal do Domingo* n'um problema da mesma especie, e sendo até a mesma a indicação que se dava para se adivinhar. Ora mas palavras quadradas em se apanhando uma quasi sempre as outras vão atraz, e esta a que nos referimos não precisavam os leitores de a advinhar. Bastava que o fossem procurar a um dos numeros anteriores.

Vasco de Santa Cruz.—Nenhuma das suas soluções do problema geometrico é exacta. Somos em geral muito latitudinarios na questão das soluções; mas d'esta vez houve quem nos mandasse, em vez de cruzes, moinhos de vento.

Alta.—Teriamos maior numero de respostas a darmos; o motivo que já annunciámos na secção *Horas de Ocio* obriga-nos a adiar para o numero seguinte varias d'essas respostas.

TYP. E LIT. PORTUGUEZA — 39, CALÇADA DO TIJOLO, 39 (á rua Formosa)